

IVAN SERPA: FAZER ARTE PARA UMA MINORIA É ANTI-HUMANO

Reportagem de Edmur Fonseca
Fotos de Nivaldo Corrêa

"AQUELE QUE, MUITAS VEZES, ESCOLHEU SEU DESTINO DE ARTISTA PORQUE SE SENTIA DIFERENTE, BEM DEPRESSA APRENDE QUE NÃO CONSEGUIRÁ ALIMENTAR SUA ARTE, E A SUA DIFERENÇA, SENÃO CONFESSANDO A SUA SEMELHANÇA COM TODOS".

Alb. Camus

Belo Horizonte, 15 de junho de 1965, terça-feira. Vou encontrar Ivan Serpa no salão de exposições do Grande Hotel, onde vai inaugurar, à noite, sua mostra de pinturas e desenhos, abrangendo variáveis estágios de sua obra. Conhecia os trabalhos do artista de seu período concretista. Vejo-me, agora, jogado

diante de enorres cabeças a óleo, de grotescas figuras de mulheres desenhadas e esferográficas, de bichos e figuras trágicas de homens, descarnadas e terríveis. Ivan Serpa fala de forma suave, mas energética. É um homem objetivo:

— Muita gente acha que troco muito de idéia. A vida muda mesmo. A sua mudança é incessante. Coisas que aceito como certas hoje, poderão não o ser mais, para mim, amanhã. Isto irá se refletir na minha pintura, pois que toda a atividade emocional do artista tem de, necessariamente, que incidir sobre o resultado da sua obra. A não ser que ele se traia, que ele pinte com a preocupação especial de agradar, de atender aos desejos de um certo público que lhe traga sucesso e lhe facilite a venda dos quadros. Um exemplo: se eu quero em mim um sen-



A exposição, patrocinada pelo Museu de Arte de Belo Horizonte, aberta no salão de exposições do Grande Hotel, uma das mais importantes já trazidas a Minas em todos os tempos.

tido de revolta e pinto o meu quadro de maneira mais amena, estou traçando a mim próprio e à minha arte. Meus trabalhos atuais podem ser chocantes para os que os vêem. Eu os faço sem nenhum preconceito, com a única preocupação de comunicar-me com o meu próximo.

HUMANIZAÇÃO DA ARTE
Ivan Serpa diz que não pode definir a sua pintura. Na sua fase atual, que os críticos chamam de «negra», porque a sua dominante é a cor preta, procurou fixar-se na expressão humana, no interior de figura, procurando retratar a totalidade do indivíduo diante o que vive: suas angústias, sorrimentos, alegrias, as esperanças que não devem morrer.

— São figuras que contêm todos os elementos do humano. Elas se apresentam diante do mundo como figuras trágicas, mas sem perder nenhuma daquelas condições que deveriam ter. Se nos encontramos face a um mundo absurdo, não é possível deixarmos de reproduzir isso. O mundo de hoje é um mundo contraditório, uma época de impressionantes avanços tecnológicos e em que, ao mesmo tempo, se constroem enguiços diabólicos de destruição. Uma época em que se põe o homem a flutuar no espaço cósmico, enquanto milhões de pessoas morrem de fome, sem que ninguém se incomode.

Conquistas científicas e desprezo pelo semelhante. Numa

época dessas, pode o pintor deixar os olhos aos problemas do mundo? Vai ele pintar por pintar? Só vejo, assim, dois caminhos para os artistas: ou contribuir para o desenvolvimento técnico, trabalhando na indústria, ou denunciar as contradições, obrigando outros homens a pensarem. Devemos proteger o homem, dar condições de vida às grandes massas. Fazê-lo apenas para com uma minoria é anti-humano e atrasa o desenvolvimento da humanidade.

— Quer dizer que o artista deve ser participante? — Ele sempre foi participante. O que acontece é que em cada época, há uma diferença de participação. Não se há de querer que um homem le 1.500 participasse da mesma maneira que um do século XX. Tanto houve sempre essa participação que eles contribuíram, e muito, para o progresso da humanidade. Em outros tempos, houve até artistas que fizeram apetrechos de guerra. E o que dizer, por outro lado, de pintores como Goya? Sua arte não foi de participação? Pode ser que tivesse outro nome, mas é um acontecimento tão importante,

nessa particular, como o Processo de Guernica e todas as manifestações humanitárias da arte, dos dias atuais.

O ARTISTA DE HOJE
Ivan Serpa exemplifica com o problema do concretismo. — A arte concreta nunca teria dado certo no Brasil. Ela foi fruto de um equívoco. Era natural que isso acontecesse. Faltavam-nos meios para entender as coisas e, sobretudo, para entender nosso próprio país. Pretendíamos fazer uma arte altamente técnica numa nação subdesenvolvida. A pintura concreta acabou no campo da arte gráfica, que é sem dúvida importante, mas sua contribuição tem sentido diferente da de um quadro na parede. A verdade é que, como se quis fazer pintura concreta entre nós, a arte não participa mais. Ela pretende transcrever soluções matemáticas, num inevitável macaqueamento de experiências dos suíços e dos alemães. E tudo sem que estivessem preparados para ela, já que não tinhamos nem uma técnica nem uma indústria que atendesse às suas necessidades.

Faltava-nos tudo. Até mes-

mo artezãos capazes de dar validade de execução ao que se fazia. O resultado é que sua duração foi pequena entre nós, um máximo de 5 ou 6 anos, e pronto. Não quero dizer que o concretismo não continha valores. Só que o Brasil não o comporta, até o momento, em seu meio. Penso que ele pode até voltar, modificado, no futuro, quando os nossos artistas tenham melhor compreensão cultural, numa época socialmente mais madura, na qual existam outras condições econômicas políticas e humanas. Outro exemplo de desjunção, para nós, é a «pop-art». Fazê-la agora, será apenas copiar os americanos, sair de um modismo formalista e cair no outro.

— O que preconiza, então, para os artistas de hoje? — A meu ver, a melhor coisa é trabalhar honradamente e procurar, dentro de si mesmo, o caminho para a sua arte. Ainda que possa parecer difícil, todo artista autêntico acabará encontrando-o. A única coisa válida, nesse terreno, é deixar a indolência e trabalhar muito, em seu próprio benefício e no benefício de todos. Não estou aqui para dar conselhos. O que não posso aceitar mais é que se vá buscar nossos modelos no estrangeiro. O Brasil é muito rico. Cada um deve dar o que pode e ninguém lhe poderá exigir mais do que pode dar verdadeiramente.

INTERPRETAÇÃO PESSOAL
Mas é o pintor quem vai contar ao repórter o seu roteiro de artista:

Primeiro, foi o naturalismo. Isso em 1946, quando residia no interior de Minas. Não sonhava sequer com a pintura. Fazia porque sentia vontade de fazer. Me apegava à natureza com uma paixão imensa, copiando-a minuciosamente, dentro da máxima de fidelidade. Já em 1947, fui estudar com Axel Leskoeschek, que me levou a seguir determinadas normas e a me aperceber das coisas que eram mostradas por ele da pintura universal. Era um aprendizado mais crítico, mais consciente. Depois fiquei sozinho, e aí vieram as trocas de idéias com o Mário Pedrosa, a I Bienal de São Paulo e a descoberta dos construtivistas, os concretos, suíços, cuja influência sofri, deslumbrado, como qualquer jovem do meu tempo. Segui esse caminho. Achava bonito, sem ver que eles eram o produto de um país diferente, com uma cultura amadurecida e altamente mais desenvolvida.

Apesar do meu entusiasmo, por mais que me esforçasse por fazer uma arte independente, essa independência só se revelava em certos detalhes. Eu me achava prisioneiro de seus conceitos. Só vim a me aperceber disso mais tarde numa exposição de artistas

brasileiros, em Viena. Foi, então, que pude verificá-lo com precisão, com mais lucidez e frieza. Encontrava-me longe do nosso ambiente em lugar estranho, julgando em um meio inteiramente diverso senti que não era mais possível fazer aquilo.

ARTE SORRISO DA SOCIEDADE
Ivan Serpa fala, com amargura, que o pintor no Brasil passou a fazer pintura em função das possibilidades de venda. Não mais uma pintura para si mesmo e sim uma arte feita em função de uma sociedade esnobe, que compra os quadros. A preocupação da maioria, até dos jovens, é de ser rico, ser bem sucedido. E o que explica a agonia da crítica de arte séria e o predomínio do colunista social, que tem condições de determinar preços de milhões para quadros, de moços que nem ainda aprenderam a pintar.

Isso precisa acabar. Sabemos, historicamente, de nomes famosos que desapareceram por inteiro depois de sua morte. E há muita gente que passou a vida toda sem entrar sequer em um salão oficial e que acabou conhecido universalmente. Cezane é um bom exemplo.

PROBLEMAS DE COMUNICAÇÃO
O artista vê com otimismo sua arte atual. Acha que, embora seja a sua fase mais agressiva, a mais ousada, a em que conseguiu romper com as amarras que o prendiam, foi a que lhe trouxe equilíbrio de vida. Se ela não agradou a alta sociedade, agradou, e muito, à classe média que, infelizmente, está se extinguindo no Brasil. Talvez, por isso parece-me, quem melhor está sentindo os grandes problemas de nosso tempo. O encontro com uma pintura com a minha poderá ver uma das maneiras de recuperação da sua consciência. Este não foi meu propósito mas vendo mais hoje que antigamente. Os alicerces de um país estão muito na sua classe média. No meu modo de ver as coisas, o problema não é destruí-la acabar com que está feito, e sim melhorá-la.

Nossa conversa com Ivan Serpa foi longa. Muitas coisas não sabem, certamente, nos limites de um reportagem. Entre outras muitas respostas importantes aos problemas do tempo, Serpa disse, mais, o seguinte:

1. Em arte o material não importa. O artista pode dignificar até o material que utiliza se ele pode transmitir o seu pensamento através de um material que ninguém deu importância, não vê mal nenhum em que isso seja feito.

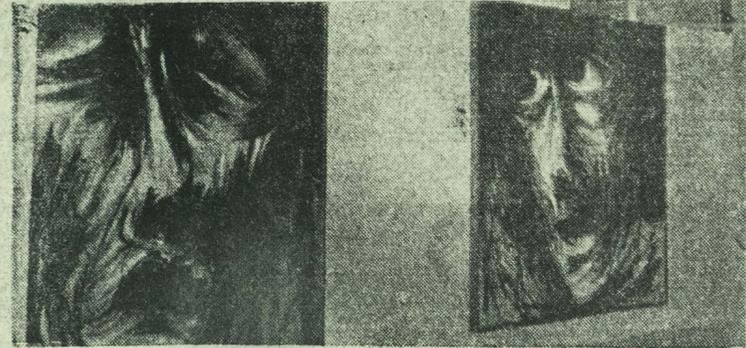
2. Agora, tem usado tintas industriais. O uso do esmalte lhe dá prazer e certas nuances, que não podia obter com óleo de tubo, foram conseguidas por seu intermédio.

3. Há muitos pintores de que pode chegar a gostar, no Brasil. Acha que seria uma injustiça a uma legião de pintores, ainda no anonimato, dizerem que os melhores existentes no país. Gostaria, no entanto, imensamente, de vê-los de certas fases do trabalho, de Marcelo Grassman, de Guignard, de Tarsila de «Paul Brasil» mereço-lhe respeito.

4. No estrangeiro, suas preferências vão para os holandeses atuais, os belgas, os alemães e alguns espanhóis. Os franceses, a seu ver, estão em crise. Isso, talvez, por terem se negado a aceitar certos valores estéticos. Certos valores estéticos, sua derrota em Veneza deve ter sua origem no fato de sentirem auto-insuficientes. 5. Na área socialista, a grande revelação é a pintura polonesa o realismo socialista não conseguiu alcançar resultados. E uma árvore que não chegou a dar frutos e pode ser que, no futuro, eles tenham certos conceitos e conceitos o contrário que era sua intenção.

QUEM É QUEM
Na introdução a uma entrevista concedida a Ferreira Guillar, em Revista Civilização Brasileira, Ano I, n.º 2, (maio de 1965), diz-se que Ivan Serpa foi um dos precursores da arte concreta no Brasil, por volta de 1951. Nesse mesmo ano, obteve prêmio para jovem pintor na I Bienal de São Paulo. Em torno de sua pintura desenvolveu-se ampla polémica naquela época. Criou, então, o Grupo Frente, que reunia artistas concretos, como Aloisio Carvão, João José, Liga Pape, Otília e alguns outros. Em 1958 obteve o Prêmio de Viagem do Salão Nacional de Arte Moderna e, quando voltou da Europa, rompeu com a arte concreta, encaminhando-se para o informalismo. A partir de 1962, retornou a pintura figurativa.

Com a presente exposição em Belo Horizonte, Ivan Serpa, completa sua década de arte individual, às quais se pode somar sua participação em 17 exposições coletivas, no Brasil e 14 no estrangeiro. Conseguiu praticamente todos os prêmios importantes do país, desde a Medalha de Brônze, no Salão Nacional de Artes, em 1948, até o prêmio de viagem ao país estrangeiro do Salão Nacional de Arte Moderna, em 1958, premiado quatro vezes no Biennial de São Paulo. E participou de pintura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.



Ivan Serpa foi um dos introdutores do concretismo no Brasil. Hoje, as suas cabeças de homens se apresentam diante do mundo como figuras trágicas. Procuram retratar a totalidade do indivíduo diante da vida.

DECELAÇÃO HUMANIZAÇÃO DA ARTE

